



EXPRESSÕES CULTURAIS: ÁFRICAS EM PROSA E VERSOS...



Um encontro com José Bione Carquete

(aliás Dragão Bee Yoni)

Por Hagira Naide Gelo Machute



Como citar

GELO MACHUTE, H. Um encontro com José Bione Carquete. **Boletim GeoÁfrica**, v. 2, n. 7, p. 155-158, jul.-set. 2023.

Quem é José Bione Carquete? Sou cidadão moçambicano, com muito sentimento pelas nossas próprias vivências. Nascido e envelhecendo em Maputo, apaixonado pelo mundo, mesmo diante das angústias da existência. Licenciado em Relações Internacionais e Diplomacia pelo então Instituto Superior de Relações Internacionais ISRI – de Maputo, Moçambique. Me considero um amante profundo da vida, admirando-me a cada dia que acordo vivo. Pouca coisa sei de mim. E creio que ouvindo dos outros, provavelmente possa aceitar sem resistência



GeoÁfrica. *Pode nos falar da sua trajetória como escritor? Qual é a origem do seu pseudônimo de Dragao Bee Yoni?*

Pela minha natureza tímida, sempre me escondi no ventre da razão e das emoções. Nunca quis que as pessoas soubessem que escrevo. Para mim, o que deve contar é a escrita, não o autor. A fama para mim foi sempre um terror, um matador das liberdades. Uma figura conhecida publicamente, perde a sua essência. Passa a ser vigiado pelo olho das massas. Cada acto é avaliada e julgado. A pessoa deixa de ser ela e passa a viver uma suposta perfeição, temendo todo o tipo de erro. Tudo passa pela escala métrica da perfeição moral e racional. Qualquer erro cometido em público torna-se veneno ao sujeito. Essa é a grande razão que me força a usar pseudónimos em minhas escritas. Poupar o meu coração. Caminhar tranquilamente sem que ninguém me reconheça. Viver em silêncios dos barulhos da escrita. Quanto à escolha do pseudónimo, apenas salientar que nasce do turbilhão de sentimentos e vontades que me devoram por dentro. Era preciso adoptar um momento que me permitisse parir com determinação esses sentimentos, sem temer suas consequências. Um dragão comporta essas qualidades: o fogo, a determinação, o poder, diante do qual todos vergam ou se rendem diante de si.

Não sei exactamente quando nasce essa loucura de escrever. Mas creio que foi quando comecei a sentir e ganhei coragem de colocar essas emoções ao rosto do papel. Aquilo é outra doença. Tu nunca sabes quando entra. Apenas te descobres a cambalear, totalmente aniquilado. Mas, foi no ISRI que o bicho começou a me sabotar a vida. Havia colegas ligados ao grupo Xitende de Gaza. Convidaram-me a escrever, depois que um professor de nome Melissão Novunga terá descoberto essa arte numa das provas. Daí em diante, nunca melhorei. Fui piorando a cada dia, escrevendo cada vez mais.

GeoÁfrica. *Carquete, você retrata diferentes realidades nas suas obras. Onde busca inspiração, na natureza, na mulher, nos assuntos quotidianos políticos, culturais e sociais e?*

Na verdade, a nossa inspiração tem génese numa força inexplicável, um Deus. Ninguém sabe ao certo. Apenas inventámos algumas explicações para minimizar a nossa ignorância sobre o facto. Apesar dessa limitação, tenho recorrido a certos fermentos para adoçar as minhas criações literárias. Sem dúvida, a mulher é o coração dessa inspiração, seguida pelas demências políticas que a cada dia transformam nossos sonhos em pesadelos. Nossas esperanças desmaiam a cada dia,

na magra alucinação de um dia sermos melhores. A cultura, claro, toda ela florindo e temperando cada verso, tendo como chão e tecto a própria sociedade. Tudo é concebido entre sonhos, frustrações, vontades incessantes e esperanças teimosas.

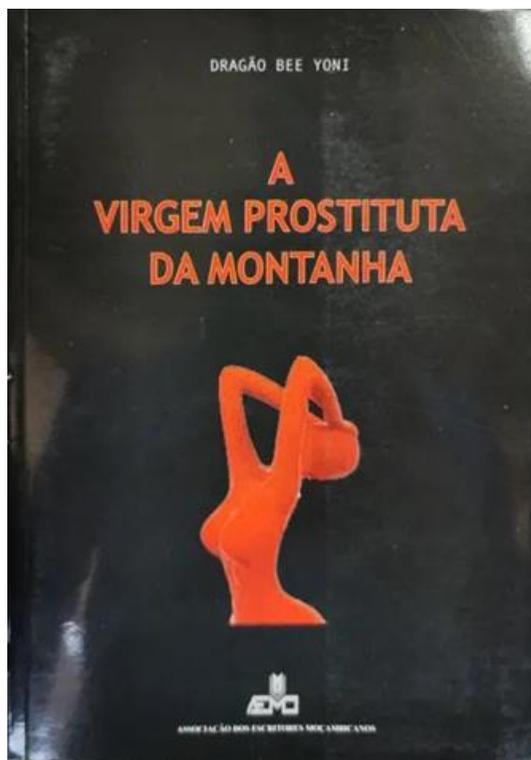
GeoÁfrica. *Houve momentos na sua vida em que se tenha sentido absolutamente perdido em termos criativos?*

Na realidade, vivemos perdidos em algum lugar nessa vida, ou no amor, ou na frustração. Somos peregrinos enquanto seres humanos. Viajamos na asa mágica do pensamento e da emoção. Até no sono não nos poupamos. Sonhamos. Somos tudo isso, embora poucos tenham consciência disso. Em termos criativos, ocorre o mesmo. Nunca me senti tão perdido em termos criativo, por razões acima descritas. A existência torna-nos criativos por excelência, involuntários. O segredo é saber sequestrar essa força divina dentro de nós e registar no papel.

Principal publicação do autor

Dragão Bee Yoni. *A virgem prostituta da montanha*. Maputo, Moçambique: Associação dos Escritores Moçambicanos, 2016, 201 p.

157





Prêmios e distinções

- Prêmio Literário Maria Odete de Jesus – 2002;
- Prêmio Literário do FBLP – 2002;
- Prêmio Literário dos Jovens Criadores da CPLP – 2002;
- Prêmio Literário Petromoc -2006;
- Prêmio Literário UNC- 2006;
- Prêmio Literário Minerva Central, Menção Honrosa/Conto-2007
- Prêmio Literário Maria Odete de Jesus – 2008;
- Prêmio Literário Bienal da Literatura TDM- 2008;
- Bienal de Literatura TDM, Menção Honrosa/Conto- 2008;
- Concurso Literário Instituto Camões – Joao Dias- 2008;
- Prêmio Literário 10 de Novembro -2009;
- Prêmio Literário 10 de Novembro -2013;
- Prêmio Literário 10 de Novembro-2015;
- Concurso de Redação 40 China- Moçambique, Prêmio Ouro-2015